



Visado pela
Comissão de Censura

Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES ANO XII • N.º 291 • PREÇO 1\$00

DOCTRINA

Acima e além da casa do *Património*, eu costume afoitar o trabalhador a que se junte a outro e ambos ou em pequeninos grupos se aventurem à construção das suas próprias moradias. Aconselho. Afoito. Prometo um pequenino auxílio. Eles acreditam e metem os ombros. Assim aconteceu ultimamente a um pedreiro que trabalha aqui em casa. Este e mais seis colegas, obtiveram por compra favorável um bloco de terreno que dividiram segundo as posses e condições de cada um. No grupo entra uma heroína com três filhos tenros à sua conta. Os restantes, heróis também, todos têm filhos a sustentar. Sabida a notícia do que estes se propunham, não lhes faltou o simpaticante do pinheiro, do eucalipto, de um carro de areia, meio dia de trabalho e todas aquelas ajudas deliciosas que só o pobre sabe e é capaz de emprestar ao Pobre. Temos pois o cabeça de um monte perto da igreja branca da aldeia, com pinheiros em redor, passarinhos a cantar, o sol a incidir e o povo a manifestar-se: *anda lá que eu também ajudo.*

Até este ponto tudo ia bem. Notícias consoladoras. O pedreiro cá de casa não tinha mais que me dizer em palavras exuberantes. *Pórem*, ontem, saía da capela e dou com os olhos nele, verdadeiramente transtornado. Trazia na mão um papel pequenito, que desdobra à minha vista. Muito pálido. Suores frios. Desanimado. *Já não fazemos a nossa casa!* Mandei entrar e que se sentasse. Vistas as coisas por miúdo, os interessados deram parte oficial na Comarca e aí vêm os louvados. Parece que a lei manda que sejam três, mas naquele caso concreto, compareceu apenas um.

Tratando-se de um único bloco, nada valeu. Tratando-se, como na verdade se tratava, de gente pobre, nada atenuou. Tendo comparecido, como verdadeiramente compareceu, apenas um em lugar dos três, nada. Este trouxe os olhos dos seus colegas e fez a cobrança por inteiro. Quer dizer; ali num instante, sem ter quase tempo de sair do automóvel, o avaliador em questão recebe de cada pobre 232\$00 o que representa a linda soma de 1.614\$00! Quem é o louvado? Um homem qualquer. Na presença de factos legais e porque os trabalhadores iam desistir da sua importante e formosa empresa, eu disse-lhes que não. Do fundo do *Património dos Pobres* pago a iniquidade e arrumou. O terreno da Ti Olimpia, pouco passa dos cem metros. Nenhum dos outros vai além dos quinhentos.

Não importa. A lei é omissa. O louvado aproveita.

Eu tenho um título que ninguém hoje me rouba. Sou, por misericórdia de Deus, o recoveiro dos pobres e isto sem remuneração. Desejo e peço para cada um as facilidades precisas de construir pelas suas mãos com seus próprios meios a sua própria casa. Neste sentido e por amor do caso que aponto, atrevi-me a escrever ao Ministro das Finanças, pois que da Repartição de Finanças recebeu cada pobre a ordem de pagamento. O Governo está para defender. Defender em primeiro lugar os fracos. Sim. Escrevi. O que acaba de se dar nesta Comarca, dá-se necessariamente nas mais. Se a minha dolorosa intervenção vier a merecer um reparo superior a lei modificada, além de grandes consolações que já experimento, vou experimentar mais uma.

ACUSO

Não foi preciso ir muito longe para levar a bom termo a minha grande aflição. Não, porquanto o assunto em causa abriu caminho e levou a Autoridade Superior a uma resolução de defesa e assim é que podemos hoje dar aos nossos leitores a notícia de que não serão dadas mais licenças de tabernas nesta freguesia de Paço de Sousa. Duas que estavam para o ser, foi-lhes negado despacho e finalmente a tasca que era, já não é; vai ser caçada a licença! Não há quem possa imaginar o alívio que senti com a notícia, porque ninguém como eu estava sofrendo a presença e ameaças. Era mesmo aquela aflição incomensurável que nos deu razão para falar; e também foi por causa dela que tão prontamente nos atenderam.

Eu tenho confiança nos homens. A verdade vence a mentira. O bem vence o mal. A sinceridade pode sempre muito mais do que a malícia. Na presença de Cristo, Satanás perdeu todos os pontos, quando um dia O enfrentou. Recapitulando:

Por determinação superior, não são de conceder novas licenças de taberna nas vizinhanças de Casas do Gaiato. São de suspender as que proventura estão pendentes. Caçam-se as que causem má vizinhança. Quê? Temos privilégios? Não senhor. Não temos nada. É a Lei decorosamente aplicada. Eis.

TRIBUNA DE COIMBRA

Este movimento do *Património dos Pobres* já tomou tal andamento e atingiu tais proporções que hoje já não há quem lhe possa lançar travão. Gira velozmente. A Campanha levantada na Imprensa de Coimbra—não uma casa, mas um Bairro em honra de Nossa Senhora—foi um toque de clarim a despertar consciências adormecidas e a impulsionar aquelas que já estavam alerta. Já muitos marcaram presença. Na altura da visita da *Virgem Peregrina* entregaram-se cinco casas. E agora estão à espera de construção as Filhas de Maria com quinze contos; a Queima das Fitas de 1954 com doze; os Universitários com catorze; os Empregados Bancários com quase uma; os Empregados dos C.T.T. com metade; os Sacerdotes com muito; consta-me que os Liceus andam a arder; e agora alguém que se levantou e quer começar já a construir e depois entregar já pronta ao *Património*.

Tudo está preparado e todos prontos; falta só transpor uma barreira e é esta a maior dificuldade: é o terreno. Têm aparecido ofertas generosas, mas terrenos poucos acessíveis para este fim. Temos esperado, pacientemente, mas agora já não podemos mais. A Câmara de Coimbra pôs à nossa disposição todas as facilidades e terrenos livres.

Há uma entidade única que poderia resolver esta dificuldade: a Misericórdia de Coimbra. Nunca ela foi nem será tão Misericórdia como no momento em que deliberar entregar ao *Património* terreno para construir um grupo de dez moradias para Pobres em honra de Nossa Senhora. Oh que grande e feliz esse dia!

Na semana passada o Sr. Padre Américo mandou-me tirar uns momentos à minha vida e começar, para ser uma realidade tão visível a Campanha feita em Coimbra. Disse-me para abrir no Banco Espírito Santo conta em nome do *Património dos Pobres* para que todo o dinheiro que ainda está em mãos ou anda disperso, ali possa ser depositado. Por isso todas as facilidades. Este Banco fica no centro do movimento da cidade. De agora em diante é só lá chegar e entregar para o *Património*.

Há dias tive a felicidade de assistir a um Conselho Particular Académico das Conferências de S. Vicente de Paulo. Saí de lá outro. Foram três horas de estudo e de vida a favor daqueles que necessitam.

Os tempos que nos esperam não de ser outros. Estes rapazes quando amanhã à frente do povo, a sentir e a viver aquilo que agora

sentem e vivem, não-de transformar quem os rodeia.

Nunca julguei que rapazes daquela idade e naquela altura do seu curso sentissem e se incomodassem assim com o seu semelhante. Como já ia adiantada a hora nesse dia, combinaram a continuar aquela reunião na noite seguinte. Nem cinema, nem cama, nem família, nem passeio, nem nada; não houve nada que se atravessasse à sua vontade. Eu saí de lá outro e envergonhado nas minhas deficiências.

Mas não é só em Coimbra. Ainda há pouco assisti a uma assembleia em Lisboa aonde se encontravam milhares de Estudantes Universitários. Eles prometeram levar aquela chama para a vida. Pediram e angariaram muitas casas. E eles próprios querem nas próximas férias grandes, edificar uma por suas próprias mãos. O nosso tempo parece que ainda não está afeito a estas grandezas e por isso estranhámos.

E por agora e para já ficamos à espera do terreno em Coimbra.

PADRE HORÁCIO

AVISO

Acabamos de proceder à grande distribuição de plantas de casas. Vários modelos. Como por vezes se tem aqui dito, não se trata de figuras geométricas. A base está, sim. O que se pretende é a casa que não pareça mal ao pobre nem ao rico. Dentro daqueles limites, podem os párocos escolher. Mais. Não temos enviado plantas aos vicentinos do Algarve e do Alentejo, por nos parecer ali exótica a casa do Norte e Centro do país. Em Roma faze como vives. Que formosa a casa alentejana! Que formosa a casa do Algarve! E vê las.

Outra coisa a que me desejo referir, é a soma que às vezes nos confiam para erigir aqui e acolá. Sim senhor. Não podemos ser, mas respeitamos o bairrismo; agora o que não tem jeito é *acaçarem* o dinheiro e não fazerem a casa como tem acontecido. Já há três casos assim na breve história do *Património dos Pobres*. Ora nós não somos um símbolo; somos a Acção. Por isso aceita-se a quantia, previne-se o pároco para que dê começo imediatamente. Vai-se ver. Está em andamento? Deixa-se o cheque. Aquilo não anda? Anda o dinheiro para outros que trabalham. Mais nada.

AGORA

Abre a procissão um casal pelo recente nascimento de um filhinho que também aqui vai; são 1.500\$. Ao lado vai a primeira prestação de 100\$, Lisboa. Grande coragem. Muita esperança. Temos casa. Ao lado deste ou de esta, vai o Alberto de Gaia com outro tanto; segunda prestação do Plano Decenal. Isto é que são homens! Por correspondência que diariamente vamos recebendo, adivinha-se grande movimento no Sindicato dos Profissionais de Seguros e também sujeitos isolados da mesma profissão. Fala-se por lá muito. Vamos a ver. No Lar do Porto entregaram uma carta com 14 contos. Salve-se quem aqui vai com tamanha quantia, tirada ao que lhe faz falta. Um nadinha atrás, enfileira um a dizer *não sou rico* e entrega 5 contos para a ajuda de uma casa. Deixem passar. Largueza. Temos hoje a rainha das procissões! Ao pé vai a Maria com 100\$. Ao lado uma Licenciada de Lisboa com igual quantia. Um nadinha atrás uma Professora da Lousã, idem. A Helena de Coimbra leva 20\$. Um Licenciado de Aveiro 200\$. E uma Licenciada de Luanda 50 angolares. Dê-se lugar a este órfão de catorze anos com a mãe a servir e que leva na mão a sua primeira semana de trabalho, 45\$. Vai aqui um engenheiro com 300\$. E agora lugar a uma família do Porto, que veio aqui entregar um cheque de 12 contos e duas alianças. Dê-se também lugar a um Tripeiro que hoje habita em Lisboa e quer uma casa no Porto aonde *Uma Mãe possa ter o seu mundo*, — 12 contos. Nunca se viu uma tal procissão sim, mas o melhor vem agora. É a Universidade de Lisboa. As forças vivas de todas as Faculdades. Quem for

baixo ponha-se nos bicos dos pés: Escola Superior de Farmácia, 791\$. Escola Superior de Belas Artes, 1.409\$. Faculdade de Ciências, 1.756\$. Faculdade de Direito, 24 contos. Faculdade de Letras, 7.513\$50. Faculdade de Medicina, 12 contos. Instituto de Serviço Social, 6.010\$. Instituto Superior de Agronomia, 15 contos. Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras, 18 deles. Instituto Superior de Estudos Ultramarinos, 961\$50. Instituto Superior Técnico, 15 deles. Casa dos Estudantes do Império, 467\$50. E mais uma expremedela à saída da Sociedade de Geografia, 10.680\$. O que tudo apurado chega aos 114 redondos! Mais teríamos a dizer, porém, uma procissão destas não pode ficar sem pregador. Temos um sermão. Vai falar o senhor prior de Alcácer do Sal. Silêncio:

«Na minha freguesia, só dentro e fora das muralhas do castelo, vivem em barracas de madeira e latas ou cabanas de colmo do rio ou ainda pelos buracos e ruínas do Castelo, para cima de duzentas famílias, a maioria das quais ilegalmente constituídas e na mais vergonhosa miséria moral e material».

Ouviram? Para algarismos só algarismos! Afinal de contas, são estes núcleos de famílias em abrigos de colmo do rio na mais vergonhosa miséria; são elas, digo, que causam uma tal avalanche que é impossível evitar. Fosse só em Alcácer, mas o País es á cheio.

Já agora, deixem entrar a Direcção da Shell com 6 contos miúdo Grémio dos Agentes de Navegação do Porto e Leixões com 16 deles. E vamos recolher.



Aqui, LISBOA!

Toureiro! Já não é a primeira vocação deste género que nos aparece. Estamos no Ribatejo... Agora num petiz de três anos, isso é que é de admirar.

Quem quer que lhe pergunte pelas suas aspirações, ouve a resposta pronta: quero ser Manuel dos Santos — Toureiro!

Lá onde os bois andarem a lavar ou as vacas a pastar, aí está o Jacinto de pau na mão. O carneiro, porque marra, também é objecto das suas predilecções. Qualquer dia, se ouvirem o alarme do carro dos bombeiros, deixem passar: é o toureiro que vai para o hospital com as costelas partidas.

É bem o símbolo da Casa do Gaiato, este miúdo, órfão de mãe, abandonado pelo pai, pequeno na estatura, de forças minguadas e aspirações altas. Assim a Obra. Partiu do nada, agora anda na boca de toda a gente. Apregoada na Sé Patriarcal, escutada na Sociedade de Geografia, lembrada no Parlamento e no Terreiro do Paço, estimada por muitos, temida por alguns, arremetida por que a não conhecem, deturpada por uns tantos, mas avançando sempre ousadamente para as alturas. Parece que, à força de lidar com o lixo, deveria aparecer enlameada, contudo muitos se guiam pela luz que irradia.

«Envio esta pequena lembrança (20\$) porque sou pobre. É só para ter um bocadinho de Luz nessa Casa». A luz não vem do dinheiro. Se assim fora, os bancos seriam os maiores luzeiros. Por

causa dele quantos não andam às cegas...

As cartas continuam: «Esta pequena quantia destina-se ao engraxador da Rua do Capelão. Tanto bem que me tem feito esta leitura do Gaiato. De quinze em quinze dias tenho o conforto de falar aos vossos gaiatos e sobretudo de os ouvir. Que alegria quando ao Sábado os vejo entrar na repartição. Como acho graça aos que têm vergonha de entrar no gabinete do Chef! Como são educados: podem falar, exteriorizar os seus sentimentos, podem dizer do que gostam e o que não querem. Admiro isto com todo o enlevo da minha alma porque embora criada por minha mãe (por alma de quem peço uma oração) num regime de terror e Deus bem sabe que é verdade, o que não impediu as dramáticas quedas que dei, tão grandes elas foram. Talvez tenha contribuído para me levantar o exemplo de fé, trabalho e sacrifício que da vossa Obra é irradiado. Uma dactilógrafa.»

Mais doze mil dum anónimo, no banco; e três mil de outro e 500 duma viúva e 600 dum Casal e 300 duma promessa: e 50 e 20 e 100 duma mãe e avó; 20 das crianças das Escolas de Cheleiros e 20 para ajuda duma telha e 50 e amêndoas da Noruega! 50 duma Professora; dois cobertores e roupas usadas e revistas no Montepio, e muitos visitantes que agora se deliciam com o perfume das laranjeiras e com o novo pavimento da estrada nova. E 500 e uma carrete; 50 da Maria da Cruz. Finalmente mais cinco mil, da venda dum jazigo, para o Património.

Parece que em Lisboa se descobriu uma aurora boreal.

Não vem das notas do banco esta luz, voltamos a repetir; por ser sobrenatural não vamos buscar a sua origem senão n'Aquele que é a Luz Incrédula. Eis mais alguns exemplos.

QUINTA-FEIRA SANTA:—À hora que devia principiar o trabalho abriam-se as portas da igreja. As bancadas encheram-se com todos os Rapazes da Casa e do Lar. Entraram igualmente de fato domingueiro os operários da construção das oficinas, os mestres, os trabalhadores do campo, as Senhoras da Obra, lavadeiras, costureiras, etc. Era a comemoração da Instituição do Sacramento da Vida. Era a nossa Desobriga. Os arcos do templo fazem coro com os gaiatos. Há vozes de criança e de homem; respira-se piedade. Anos antes ali foi um brazeiro. A manhã foi para isto. À tarde, como se fosse encomenda, um Senhor da Ultramarina trazia as amêndoas e 500 para a ceia. Uma vez rapados os pratos e repartidas as amêndoas, o chefe leu o Evangelho do Mandato: *Se Eu sendo Senhor e Mestre vos lavei os pés também vós os deveis lavar uns aos outros. Não vim para ser servido mas para servir...* A lição era para os chefes. Apareceram as bacias e as toalhas. São eles que se curvam e lavam os pés aos mais pequeninos e aos mais difíceis. O Celestino, de Monte Redondo, foi apontado a uma só voz, como o mais fiel discípulo de Judas.

(Continua na terceira página)

PATRIMÓNIO DOS POBRES

No dia 31 de Março, à noite, passei por Santarém e no *Rosa Damasceno* falei a todos quantos me vieram escutar. Pedi. Instei. O calor do Padre Manuel tinha erguido seis casas, que foram entregues no dia seguinte, mas que é isso se hoje, por toda a parte, Santarém idem, faltam casas para indigentes? Sessenta delas, pequeninas e airoas como esta meia dúzia, seria já uma coisa apreciável, além de muito necessária. Dali tomei o rumo do Tojal, aonde se entregaram duas chaves a quem nunca as teve, porque a barraca não tem portas. Uma senhora da localidade, modesta e muito bem posta, pede-me para eu dizer duas palavras ao povo e como eu me não despachasse, ela diz: *eu sou natural daqui e sinto uma enorme alegria por ver que estas duas famílias que não tinham aonde morar, habitam hoje em casas decentes*. De forma que ficou tudo dito. Este é o discurso. Que venha a alegria dos ricos juntar-se à dos pobres e assim temos cumprido o preceito do Senhor.

Com as de Santarém e do Tojal, não terminou aquele primeiro de Abril. Segundo os jornais, houve entregas em Ovar e na cidade do Porto. Aqui foram dezoito famílias. Estive ali no dia seguinte.

Entrei em quase todas as residências. Tudo no seu lugar. O que nos dá a grandeza daquelas casas tão pequeninas, é perguntar e ouvir dos seus habitantes, de como e aonde viviam. De outra maneira não se fica inteirado. Pode pensar-se que se trata de mera transferência de inquilinos. Ora não é nada disso. O realce está justamente no acto de justiça.

O Pessoal da Junta Nacional da Cortiça, resolveu entre si fazer uma subscrição. Apenas chegou a notícia ao conhecimento dos Directores, também eles se juntaram, de onde resultou uma casa. Esta vai ser erguida na freguesia de Amora perto de Seixal, aonde o actual prior é um sacerdote que não tem paz. Não sabe estar quieto. Quer erguer casas para os pobres. Do querer ao poder não há distância. Temos já conhecimento da cedência de um terreno ali perto com 3 000m². É uma coisa muito boa. Bairro não. Na doutrina do Património, não cabe o clássico bairro, apartado e inconfundível. Toda a nossa preferência vai para a casa no sítio onde era a barraca e no meio doutras casas, de modo que ninguém possa apontar: *olhem acolá um bairro de pobres*. Isto vem para dizer que no terreno da

Amora bem aproveitadinho, podemos disseminar uma dúzia de casas, com suas hortas e jardins. De preferência singulares ou quando muito geminadas. Blocos não. Muito menos o sistema *combóio*.

Oigo dizer que os comerciantes e industriais de cortiça, são todos homens de bem e mais pesados do que ela. Há deles, ingleses, americanos e portugueses. No ano findo, houve o movimento de um milhão e quinhentos mil contos. Não é preciso dizer mais nada.

Perto de Lisboa, aonde a vida é mais angustiosa. Perto de Setúbal, aonde temos agora a Casa do Gaiato. Outras terras do Alentejo. Damos hoje a palavra aos comerciantes e industriais. Desejamos que eles deixem o seu nome nos cunhais de muitas casas, sejam participantes da alegria dos abrigados e dêem testemunho de Cristo.

Todos juntos e à roda da Direcção da Junta Nacional, podem combinar pelo melhor. Nós faremos o resto. Os *Padres da Rua* hoje falam e são acreditados. Não faltam outros, graças a Deus, que, não sendo da rua, também sabem e querem trabalhar por amor de Deus. Todos juntos podemos trabalhar e produzir e levar muito alto a Junta Nacional da Cortiça.

Notícias da Conferência da nossa Aldeia

FESTA D'ANOS: Quinta Feira Santa à hora marcada reunimos, outra vez, os nossos Pobres sendo-lhes servido um rico almocinho. A pequenina festa em família foi dedicada a uma grande Amiga dos Pobres. Por imprevisto, registemos uma coincidência agradável: o almoço calhou no dia do seu aniversário. Na verdade, quando se ama o Pobre de muitas maneiras, Deus provoca destas coincidências.

Estava o Sr. Júlio das Aguiéiras, o Adriano da Rosa, o Tomás Dias e todos mais. Quis servir (íamos dizer o nome mas não podemos ferir a sua modéstia), a Amiga dos Pobres, com um sorriso nos lábios, alegria no coração. Foi sopa e conduto, bolo saborosíssimo, vinho a fartar, cigarritos para os fumadores, regueifas, e moedas de prata nas algibeiras. Uma consoladela.

Por fim, o Pai Américo fez um contracto: repetir a festa todos os anos. *Ad multos anos.*

O FOLAR DOS POBRES: Como já é costume, este ano também não faltámos. Conforme fora combinado, após o almoço de festa, quinta-feira, a loja do Pedrinho da Costeira recebeu a visita de todos os comensais. A cada bico foi entregue um quilo de açúcar, um dito de arroz, outro de toucinho, 2 litros de vinho e 100 gramas de amêndoas finas.

Não queremos ser aborrecidos. Massacrar demais os leitores. Mas compreende-se, numa altura destas o cofre desequilibra-se... e cai. Quem levanta?

O QUE RECEBEMOS: A abrir registemos o troco das regueifas oferecidas pela Amiga dos Pobres — 44\$00. Segue-se a assinante 16 102, com 50\$00. Carviçais 70\$00, com o pedido de uma oração qualquer, uma *Avé-Maria que fosse, por um grande pecador!* Que ofertas! Uma carta diz assim: *Para os pobres da Conferência, 20\$00, de uma assinante de «O Gaiato», Páscoa de 1955.* Uma anónima do Porto, 25\$00. Assinante 26216, de S. Mamede de Infesta, 10\$00. O n.º 29837, do Porto, 20\$00. A n.º 1473, 10\$00 que se destinam à Conferência da Nossa Aldeia por uma intenção muito particular. 50\$00 do assinante 18223. Do Brasil, cidade de S. Paulo, Baptista Pires envia 150 cruzeiros. Assinante 9978, 200\$00. Do Porto, assinante 425, 50\$00. Alcino Peres, também do Porto, 20\$00. Manuel Soares Costa, de Vila Nova de Gaia, 100\$00. B.ª atriz Ferreira, 20\$00. Assinante 11.780, 20\$00. Um subscritor paga 7 meses com 70\$00; é o assinante 2164. De Vila Fernando da Beira, uma carta: *o que sobejar peço para ser aplicado na Conferência.* Pardelhas, José Maria Ferreirinha: *o resto para a Conferência, 20\$00.* Augusto Guedes da Silva, 100\$00. Senhora A. F. do Porto, 20\$00. Da Parede, assinante 5099, 20\$ para a Conferência. Joaquim Júlio Monteiro, de Viseu, 100\$00. Depois de fechar contas com o jornal, um assinante destina 20\$ para este cantinho. Carolina Pimenta, do Porto, 27\$50 para os pobres que entender. E para acabar, outra *«acha» para a fogueira da Conferência da Nossa Aldeia,* do assinante 26 004. E porque não mais e mais «achas»?

Júlio Mendes

A Voz do Atlântico

Por Padre Elias

Nos Açores e nomeadamente na Ilha de S. Miguel, como no Continente, a Obra da Rua, anda no coração e na boca das gentes. Sempre que passo na rua com algum garoto pela mão, parece que a cidade pára no seu lidar, para nos ver.

Quase todos os dias chegam cartas dos quatros ventos da Ilha a pedir justiça. É o despertar das consciências, ladainhas de dores.

A medida que o número dos nossos cresce, sobe também o calor e a generosidade da população. Temos famílias da primeira hora. Famílias que sofrem a impotência de não poderem fazer quanto queriam pelos irmãos pobres. Famílias que amam até à loucura de arrancar à boca dos filhos para nos mandar.

Presentemente, temos meio cento de Rapazes, e outros tantos na lista, à espera de vez.

O mais novo, de dois anos e meio, foi concebido e gerado na prisão, saiu de lá para se baptizar e agora para a nossa Casa.

Sempre que lá ia a visitar os presos trazia aquele pequerrucho nos meus olhos. Ele dava-me beijos, batia as palmas e achava-me sempre *muito bonito.*

Num Domingo, após o Santo Sacrifício, aparece o carcereiro, trazendo-o ao colo, roubado à Mãe. Com ele, vinha uma importância, que os presos juntaram para nos mandar.

O Quim começou por fazer o beicinho, depois chorou durante vários dias que queria ir para a sua Mãe e hoje corre para mim de braços abertos. Se alguém lhe diz que o vai levar para a cadeia, já não quer.

O outro logo acima tem três anos mas nunca teve pai. A mãe tem outros de muitos outros. É uma criança adorável, com uns olhos cintilantes que roubam toda a gente.

Cada um dos outros tem a sua história. José das Latas foi dar à polícia por ladrão. A sociedade geralmente chama ladrão ao que

rouba para matar a fome. Os roubadores de grandes quantias não são ladrões. Diz-se que *desviaram* e absolvem-se. Os pequeninos são ladrões e vão para as cadeias.

Rafael, o chefe, andava por aí; Ângelo, fazia voltas para comprar cigarros e pagar os bilhetes do cinema. O Fuzeiro roubava e dormia pelos buracos. Outros, muitíssimo pior, que nem dizer se pode.

Por estes dias chega um de doze anos e apresenta-se. A mãe fugiu para a Terceira e nunca mais ligou. Os dólares estão fazendo lixo.

O Pai sofre do reumático e de asma. Dá-lhe muita pancadaria e não tem pão em casa.

Digo-lhe que não pode ser antes de passarmos para a nova quinta, e ele responde que não vai embora. Mando dar-lhe a merenda e despeço-o. À hora do terço ele aparece com outros na Capela. Juntou connosco, dormiu regaladamente na cama fresca. No outro dia, levo-o comigo para o aeroporto ao deita aos ares do Sr. Padre Adriano.

Ele mora por ali, num antigo quartel de soldados.

A meia viagem ele puxa do cigarro, bate-o na caixa de fósforos e fuma com grande naturalidade e irreverência. P.e Adriano ri, e diz-me que nunca viu uma coisa assim. Também eu não. A casa dele é um curral. O pai é realmente como o filho diz. Misérial.

Apeteceu-me trazê-lo de novo, mas infelizmente não pode ser. Falta-nos o ambiente próprio para a cura de um tão grande mal. Falta-nos o trabalho. Estamos muito perto da cidade.

Será quando passarmos para Monte Alegre. As obras de adaptação estão a começar. Primeiro a capela, depois as escolas. Dentro de alguns anos teremos Paço de Sousa em S. Miguel. Espero na boa vontade de toda a gente e na ajuda do Terreiro do Paço. Aí vem o Sr. Ministro das Obras Públicas. Que Deus o traga.

Padre Elias

AQUI, LISBOA! *Cont. da segunda página*

SEXTA-FEIRA MAIOR:— Em Lisboa todos os do Lar que estavam de folga, se prontificaram a percorrer as mansardas dos Pobres. Onde melhor meditar na Paixão? Na rua do Capelão damos com os pequeninos a tomar chá. Então o leite? Não se podel... Viemos a tempo de remediar. No Vale Escuro os movimentos da caravana eram atentamente seguidos por uma multidão de gente das barracas que faziam um longo friso, na orla da costa sobranceira. Que pena nos causam aquelas multidões. Podia ser ali o Calvário! Vimos cegos, tuberculosos e parafíticos. Pior do que isso: aqui há dois anos, numa barraca feita numa noite, entre centenas doutros, instalava-se uma família vinda do Norte. Passado pouco tempo, o homem dá em tossir e morreu tuberculoso. Não tardou que a viúva apresentasse indícios de vida suspeita.

A filha mais velha, de dezasseis anos, vai pelo mesmo caminho. As suspeitas desapareceram com o nascimento dos ilegítimos. A filha mais nova desapareceu também na voragem da cidade e o

terceiro filho já tem sombras nos pulmões.

Se estas tragédias, diariamente repetidas, fossem objecto de sentenças dos tribunais, nós havíamos de atirar com noventa por cento das culpas para cima de quem autoriza a construção em série, de fábricas e quarteis, dentro e na periferia da cidade.

DOMINGO DE PASCOA:— A voz dos sinos, o perfume das laranjeiras, os ninhos dos passarinhos e a alegria das almas dizem-nos que a vida se renova na face da terra.

Aqui não há o tradicional *compasso* do norte, mas restabelecemo-lo nas doze famílias das casas do Património dos Pobres. Que alegria! Vale a pena continuar. Na casa, uma vitela dada ontem, fez as honras da mesa. Vieram mais amêndoas; houve relatos de futebol e de hóquei em patins. Alguns foram para a cama a delirar. Quando à meia noite se chamavam os humedecidos para a indispensável higiene, um deles ferrado no sono, gritava estremunhado: *golo de Portugal!*

PADRE ADRIANO

ATENÇÃO

*** A «Queima das Fitas» das Faculdades do Porto vai ser este como nos mais anos. Uma data de gaiatos, pastas com versos, ruas e lojas, saca e dinheirinho.

É para ajudar o *cão*, que me ficou das casas de Miragaia.

*** Outra vez muita atenção: A 9 deste, o mestre d'obras entregou as chaves do Bairro ao senhor abade de Miragaia. Este, por sua vez, está preparando as coisas, para entregar no dia 15 de Maio. Até lá se Deus quiser.

*** Mais atenção e agora é que é; O Coliseu a 2 de Junho. Andam lá obras; quere-se mais espaço!

MAIS

Do Porto um vale de mil escudos. No nome do remetente lê-se *Silêncio*. Mais 157\$50 no Porto, edifício das Obras Públicas, de uma subscrição. Mais encomendas. De Maquela do Zombo, 50 angolares. De Lisboa 90\$ do primeiro abono do nosso quarto *Filhinho*. A maiúscula é da mãe. Mais 100\$ de Aveiro. M. F., 20\$. Tomar 50\$. Da professora mãe, 50\$. De Lisboa, 20\$. De um primeiro aumento de ordenado, 187\$80. De Lisboa, 50\$. Um cobertor de Maçã. Do Porto, 150\$. De Lisboa, 230\$. Idem, 100\$. Idem. Idem. Mais 20\$ do Porto. Mais 250\$ de um Alemão que vive no Porto há anos. Deus o conserve por cá até que a sua terra torne a ser. Mais 70\$ da Maria Otilia de Moçambique. Mais 20\$ do Estoril. Outro tanto de Lisboa. Uma Serrana dos Herminios 100\$ para o Calvário; além de outros donativos de outras terras para o mesmo fim. Hão-de vir milhões! Mais 50\$ do casal R. D. Do Congo Belga 250\$. De Lisboa 20\$. Mais 50\$ de Tomar. Mais 1.150\$, donativos recebidos no jornal *Novidades*. Mais 20\$. Mais 200\$ de Lisboa de um aumento de vencimento. Mais 20\$ de Malveira. Mais 200\$ de sangue dados no hospital Rainha D. Amélia da Beira. Mais 70\$ de Lisboa. Mais 60\$. Mais 100\$ tirados do primeiro ordenado de meu filho. Mais 160\$ dos empregados do Banco Espírito Santo do Porto. Mais 20\$ de Ermesinde. Mais 50\$ do Estoril. Mais 500\$ de Lourenço Marques. Outra vez 500\$ de Lourenço Marques. Alguém deixa 300\$ no Banco e caminha. Mais 25\$ de uma Serrana. Mais 65\$ do Seminário do Funchal. Mais 100\$ das Devesas. Outro tanto de Nampula. Tão longe e tão juntinhos! Mais 500\$ de Lisboa. Mais 27\$90 da minha primeira semana de trabalho. Isto é que é! Mais 50 angolares. Mais o dobro de Chibuto. Mais metade. Mais 300\$ pelo exame do Jorge. Mais de Tet, a promessa de uma casa com 100\$ de sinal. Mais 100\$ da Marinha das Ondas. Mafra recebi. Mais 50\$ de Lobito. Mais o mesmo de Coimbra. Outro tanto de Bombaral. Reguladora, Vila Nova de Famalicão, uma pancadaria de re-

(Continua na página quatro)

A nossa Páscoa!

A preparação para a nossa comunhão pas- cal, começou na segunda-feira 4.

Para esse fim, veio sua Ex.^a Rev.^{ma} o Sr. D. Manuel Maria, Arcebispo de Cízico.

Chegou ao meio dia, perante a alegria de todos nós. Ouviram-se entre outros estes comentários: *Olha, é o Sr. Arcebispo das barbas brancas. O que ele nos diz, fica-nos na "cachola!"*

Foi logo em direcção à nossa capela, donde nos falou e nos ensinou qual a melhor maneira de falarmos com Deus. Dali fomos almoçar e depois do terço tivemos outra vez, a felicidade de o ouvir.

Fala-nos três vezes por dia até quarta-feira, dia em que se realizaram as nossas confissões.

Disse-nos muitas coisas lindas, que por o espaço do nosso jornal ser curto, não as podemos aqui reproduzir, entretanto, respigamos da sua última prática: «Que feliz eu me sentiria, assim como o mundo cristão, se arranhá vissemos nos nossos altáres, um dos gaiatos.»

De facto, ficava muito bem e era uma indiscutível alegria, se vissemos um dia a ver nos altares, um rapaz descalço, de calça arregaçada e fralda de fora.

Quem sabe? Nada é impossível com a ajuda de Deus, entretanto vamos pedindo, pois sem se pedir, não se é ouvido.

Estamos na Quinta-feira Maior, dia em que se comemora a instituição do Sacramento da Eucaristia, na última ceia.

A manhã apresenta-se fria e com um vento rispido, que nos fustiga a cara.

Toca a sineta, levantamo-nos, lavamos a cara, rezamos as orações da manhã, fazemos as camas. Toca de novo a sineta, saímos das casas com seus chefes à frente e lá vamos contentes a caminho da nossa capela dispostos a trazeremos de lá mais forças. Vamos procurar o precioso alimento.

Nada mais, nada menos, que o Corpo, Sangue e a Mãe de Jesus, assim como está no Reino dos Céus, que constantemente está vítima imolada: «tomai e comei, que este é o meu corpo; tomai e bebei, que este é o meu sangue».

Entra a comunidade na capela: uns descalços, outros calçados; uns de fato, outros em mangas de camisa; uns com a fralda de fora, outros com as calças arregaçadas. Parece uma autêntica anarquia, mas não o é; é sim, uma desordem organizada. Todos vão ao mesmo buscar remédio para as feridas abertas na alma.

Estamos diante do Altar de Deus. Todos nos unimos ao Sacerdote único, Jesus Cristo.

Começa o Santo Sacrifício: Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Ouve-se a voz do nosso chefe, que do seu missal nos comunica palavras de vida.

Ao Evangelho Pai Américo fala e nós aqui destacamos as palavras finais: «Durante os três primeiros dias e por mais do que uma vez, esta semana, tive quem te abrisse o apetite e eu e o Sr. P.^e Carlos vamos comer, dar-vos de comer e levar ao nosso Caetano, que está doente.»

A seguir com cânticos apropriados, cantados pelo nosso orfeão, com Sejaquim ao leme, vão-se aproximando da mesa Eucarística os batatas, os médios e os irmãos mais velhos.

Neste momento, em que Jesus faz da terra o Céu, é o mais próprio para nos lembrarmos dos nossos irmãos que se encontram por lá: no Brasil, África Oriental e Ocidental, Inglaterra, Açores, nas cadeias, colónias penais.

Os senhores não se admirem, assim como podem sair daqui grandes homens, também podem sair grandes ladrões: Depende da vontade de cada um.

Lembramos-lhes também, que Jesus disse do alto da cruz que tinha sede: Sede de água pela tarefa cruel e esgotante a que os judeus o submeteram, dando-lhe estes fel e vinagre e sede de alma.

Tu, amigo que me lês, já fizeste alguma coisa para o saciare? Se o não fizeste, ainda estás a tempo. O que ficou para trás, já lá vai, arrepende-te e veste roupa lavada. Jesus está sempre pronto para o nosso resgate!

Este acto culminou com a nossa família fazendo guarda de honra e cantando ao Santíssimo, que o Pai Américo transportava para o hospital, onde se encontra doente o nosso Caetano.

Ao meio dia, comeram do nosso caldinho onze dos irmãos mais necessitados da freguesia.

Ao fim era vê-los contentes, dando graças, cada qual com sua regueifa metida no braço.

Na sexta-feira, às três horas, estivemos com o pensamento concentrado no calvário, percorrendo também o caminho que Jesus percorreu com a pesada cruz, através das catorze estações.

Em cada uma delas, Pai Américo dizia umas palavrinhas e a servir de divisória, em cada uma delas o nosso coro orfeônico cantava a «Mater dolorosa.»

No domingo de Páscoa, também foi muito bonito. O Senhor veio dar uma visita a cada uma das nossas casas, que se encontravam adornadas com flores e colchas. Quem O trouxe foi o pároco da freguesia, Rev. P.^e Miguel Baptista Lopes.

Como vem acontecendo nos anos anteriores, vieram uns senhores do Porto almoçar conosco, trazendo-nos as amendoas e o Pão de ló. Não se põe o seu nome aqui nestas colunas, pois os ditos senhores não gostam.

Os nossos irmãos do Lar do Porto, vieram todos, tendo disputado conosco um renhido encontro de futebol, do qual saíram vencedores

PELAS CASAS DO GAIATO

S. MIGUEL-ÁÇORES

Todos os nossos leitores já repararam que há muito não escrevo para o Gaiato porque tenho sido preguiçoso.

No dia 25 do mês passado chegou à nossa casa o Sr. P.^e Adriano do Tojal. Veio de avião e chegou ao cair da tarde.

Foi um grande contentamento para nós, porque sabíamos que ele vinha em nome do Pai Américo para ajudar na adaptação da nossa quinta de Monte Alegre e para nos ver. No domingo da paixão estivemos em Monte Alegre e o Sr. P.^e Adriano andou riscando as obras com o Sr. P.^e Elias.

Na véspera da partida falou-nos das casas do Gaiato do Continente, perguntou a cada um o que queria do Pai Américo, quase todos pediram equipas bolas, brinquedos. Eu é que não estava, porque ando na Escola Industrial. Se eu estivesse a casa era outra. Pedia-lhe uma farda da Mocidade Portuguesa que o Sr. P.^e Elias não quer comprar. Pai Américo na primeira, não se esqueça da minha farda.

No dia 11 de Março, foi uma festa na Sede da Associação Católica de Ponta Delgada. A festa foi presidida pelo Sr. Governador Civil que no fim saudou o Pai Américo e a Obra da Rua.

O Sr. Padre Elias, falou durante meia hora sobre a nossa Obra, os nossos Pobres e a numerosa assistência ouviu com muita atenção e entusiasmo.

Em seguida o nosso grupo apresentou vários números orfeônicos e algumas poesias. Depois contei a minha vida a toda aquela gente e por último passou no ecran uma fita sobre S. Miguel.

Quase todos os domingos vamos ao campo de jogos da cidade, graças à simpatia da Associação de Futebol. Os clubes mais falados por cá são o Marítimo e o Santa Clara. O Marítimo vai na frente da classificação distrital e por isso mesmo os de Santa Clara estão a virar a casaca.

Ainda com o Sr. P.^e Adriano cá, fugiram três cabeças tontas: Bocage, Louro e Cabogé? Andaram uns oitenta quilómetros a pé e depois vieram dar à Polícia.

Cá em casa o tribunal foi renhido e eu parece-me que eles tem para muito tempo.

Angelo Manuel

LAR DO PORTO

Conferência - Quedo-me hoje a falar sobre essa grande Obra que é o «Farrapeiro de S. Vicente de Paulo».

Talvez todos conheçam de nome esta benemérita Obra mas nem todos conhecem a sua finalidade, o bem que já fez, e para tal vimos, perante os nossos leitores e amigos, dar conhecimento como funciona, a sua finalidade e quais os frutos que deu já em 1954 e 1954.

O fim a que se destina é o de minorar a

MAIS

(Cont. da terceira página)

lógios novos. Sim senhor; agora sabemos a quantas andamos. Mais 100\$ do Porto. Mais 300\$ de Coimbra. Mais 50\$ de Lisboa. O senhor da *Nota da Quinzena* além de ter tido uma admirável persistência, de vez em quando aumenta e assim é que da última vez vieram 500\$ e da penúltima 200\$ com novas indicações. A letra é a mesma. Como quere que pareça ser de homem, temos no Porto um homem feliz. Outros contribuintes para aquela viúva que só dá pão ao filho quando ele *barrega*, têm da mesma sorte acusado presença. Tudo quanto entregam no Espelho da Moda, não me perguntem se sim ou não, porque tudo recebemos. E mais nada.

por 4-3. A «queca» foi pequenina porque mal entrou o 4.^o golo, logo eles se puseram a «cavar».

O nosso grupo jogou mal, mas mesmo assim venceu, o que aliás não é de admirar, pois eles continuam a não jogar nada...

Gostamos muito da nossa missa, cheia de cânticos e do Evangelho que era muito bonito: Quando Maria Madalena e outras santas mulheres iam, com aromas para embalsamar Jesus, ficaram atónitas, pois a pedra estava levantada. Jesus já tinha saído, estando um anjo sentado que lhes disse: Não tenhais medo. Vós buscais a Jesus Nazareno que foi crucificado? Ele ressuscitou, não está aqui. Eis o lugar onde foi depositado.

Mas ide dizer aos seus discípulos e a Pedro que vai adiante de vós para a Galileia.

Eis aqui um naco de Evangelho que nos enche a alma nesta feliz Páscoa de 1955.

Ficando a pedir para que Jesus Nazareno ressuscite em todas as almas, este vosso amigo se despede,

Daniel Borges da Silva

pobreza de centenas de famílias pobres, ajudando deste modo as Conferências Vicentinas desta cidade. Após a organização de um cortejo que já visteis, certamente, percorrer as ruas do Porto, recolhendo utilidades e inutilidades, são estes despejados num armazém-geral, sito à Rua Costa Cabral n.º 220.

Aí os artigos são separados; parte para vender ao público, e, no que respeita a camas, colchões, roupas, calçado e medicamentos, são transportados para um local onde são devidamente arranjados e desinfectados e posto no local de distribuição à Rua St.^a Catarina 769. Ai, confrades acompanhados de seus pobres que na visita semanal lhes tenham feito pedido de artigos e subsídios que necessitam, fazem levantamento desses artigos mediante presença do confrade e requisição assinada pelo Presidente da Conferência a que pertença.

Assim, desde os sapatos ao chapéu, medicamentos, tais como estreptomocina, rimifon, etc., subsídios para renda de casa e para qualquer caso de urgência, camas, colchões, roupa de cama e grande variedade de artigos de utilidade tudo é dado sem o gasto de um «tostão».

Tem também agregado ao Farrapeiro a Conferência de S. Fr. I Gil que consta de consultas médicas às 2.^{as}, 4.^{as} e 6.^{as} e enfermagem geral.

Os pobres são tratados com todo o carinho por médicos e médicas competentes que para tal fim ali administram clínica de graça.

Assim, pelo Farrapeiro foi distribuído o seguinte em 1954:

Em artigos	106.260\$30
Em dinheiro	18.092\$20
Total	124.352\$50

Para se avaliar bem da utilidade do Farrapeiro basta dizer que foram distribuídos 900 colchões; 6.000 gramas de estreptomocina e 350 lençóis.

Para completa informação e para confronto diremos que os totais de despesas em 1953 orçaram em 71.787\$30.

Vemos assim que todo o lixo que vós destes, o Farrapeiro o transformou milagrosamente em pão e agasalhos.

Nós que tanto temos recebido desta benemérita Obra para os nossos protegidos queremos desta forma dar conhecimento aos nossos leitores e manifestar o nosso agradecimento muito sincero por todos esses favores de que os nossos protegidos têm sido alvos.

Assim convidamos todos para que, quando em passeio subam S.^a Catarina e antes de chegarem a Gonçalo Cristovão vejam com os seus próprios olhos o milagre do lixo transformado em pão e agasalhos distribuídos às 3.^{as} feiras das 21,30 às 22,30 horas pelos pobres, mais pobres, da cidade do Porto.

P. S. — Estamos depenados. A conta no merceiro é assustadora. Quem nos acode?

Recebemos de uma senhora pela passagem do seu 76.^o aniversário 76\$00. Mais 328\$00 entregues por anónimos no Lar do Porto.

Carlos Veloso Rocha

PAÇO DE SOUSA

O tempo está lindíssimo. Os chefes das casas, tratam de seus jardins, os «almeidas» varrem, os pedreiros e os do Sejaquim partem cascalho para se ajear: a nossa principal avenida, os da limpeza esfregam e põem as casas a espelhar e os visitantes começam a afluir em grande número.

O Caetano recala e está no nosso hospital. O seu irmãozinho, todas as noites fica à sua beira; para isso foi colocada no quarto a sua cama.

Oxalá que os nossos leitores se lembrem dele, pedindo ao Senhor que lhe dê o melhor caminho. Só o Senhor poderá deitar a mão, dando-lhe forças para ele suportar este sofrimento.

O irmão do Manuel Henrique (o Hélio), veio para esta casa de Paço de Sousa onde está muito contente. É o da dispensa, sendo por isso o que serve a borra.

No refeitório é o rapaz mais falado: *Sediolos* olha a borra. O coisa, olha que só tive um bocadinho. O pá, só tenho miolo, etc., etc. Por vezes também refilamos com ele, mas não desejamos, nem por nada, a sua obrigação...

Anda na escola, parece aprender bem, mas esperamos que lhe não aconteça como ao irmão: ir estudar para uma «ourivesaria»...

O correio trouxe-nos mais um fascículo—o XI, da história do F. C. do Porto.

Com ótima apresentação gráfica, com muitas fotografias do seu inextinguível lote de campeões, destacando-se uma separata a cores dos primeiros campeões nacionais de Water-Polo.

Sou muito aborrecido, não sou amigo? Não importa que me chamem, queria mas era que os nossos amigos animassem e nos enviassem um gravador, pois faz muita falta, pois assim gravaríamos os programas do nosso grupo cénico, palavras do Pai Américo, que são como sabem, lições para a nossa vida futura, etc.

Parece-me bem que não deve ser ainda desta vez que os leitores do Melhor do Mundo me vão deixar ficar mal!

O *Pataco*, que é o que trata dos porcos e está encarregado de todas as manhãs trazer o leite, é muito bom rapaz e trabalhador, mas também gosta de fazer a sua «batotazinha».

O refeiteiro traz-lhe o prato das papas, ele esconde-o e vai pedir café com leite à senhora dizendo que não há mais nada para si mer.

A senhora cá, o *Pataco* toma café, vai buscar

as papas que escondeu e toca a «embalar»... Não é tolo de todo, não, mas se a senhora lhe dá com o gato...

—Chegou a Primavera e com ela os dias bonitos de sol, os passarinhos, distinguindo-se o cuco.

As árvores rebentam, anunciando que teremos fruto, as flores dos jardins começam a abrir, nós a animarmos, trabalhando com mais alegria e os nossos amigos marcando lugar nas camionetas, para cá virem com excursões.

Para bem receber os nossos visitantes, estão os da lenha a tratar do alindamento das nossas avenidas.

Depois chegam os visitantes, entram nos dormitórios, nas oficinas, no balneário, na casa mãe, onde está a cozinha, cheiram, dão mais uma voltinha, reparam nos mealheiros, nas alminhas, na caixa da capela, acham piada, toca a cair... e vão-se embora contentes por um dever cumprido!

Agradecemos à Ex.^{ma} Direcção do Futebol Clube de Cete, que tem franqueado à malta a entrada no seu parque de jogos. Em nome de todos aqui fica expresso o nosso sincero reconhecimento.

—Os nossos teares já estão a funcionar. O tecelão é o Nicolau, que foi aprender para o Porto.

—Últimamente temos comido muitas laranjas, que foram compradas. As nossas laranjeiras estão carregadas mas são para ver. Passar pela tentação e não pecar é que está a vantagem. Cumprimentos do Amigo,

Daniel Borges da Silva

CARTAS

A primeira é de um Magistrado. A segunda é de um Professor do Liceu. Ora vamos a elas.

«Dos sobejos do produto do meu trabalho e do rendimento dos bens que herdei dos meus Maiores e representam o fruto do seu trabalho e disciplinada economia, desejo destinar cem contos—(quase tudo que tenho disponível)—o auxílio daqueles para os quais a féria do próprio trabalho não chega, sequer, a igualar os encargos normais da família, e nenhuns outros recursos têm. Ocorre-me como indiscutivelmente prática a aplicação daquela quantia em casas do Património dos Pobres com destino a trabalhadores rurais.»

«Como homem agradado-lhe o seu sacrifício evangelizador.

O Padre como o verdadeiro professor só cumpre a sua missão despertando nos alunos o interesse pela valorização humana.

O Evangelho é também um programa de estudos que se tem de cumprir para se tentar atingir o máximo.

Os nossos livros são diferentes mas os ideais são similares: a *Perfeição*.

E, assim como nem todos os professores ensinam, de verdade, igualmente nem todos os padres convencem e convertem; uns e outros devem possuir dotes especiais que só um propósito desinteressado, uma grande fé e um apostolado verdadeiro podem desenvolver.»

Eu pretendo que este quinquenário com o nome pitoresco *O Gaiato*, seja um valor e para isso não deixo fugir nem perder a ocasião de mostrar aos leitores quem é o homem. Aqui estão dois. Que beleza de conceitos! Quão escondidos! Qualquer das cartas e cada uma a seu modo, é o reflexo da estabilidade dos princípios eternos. Um Juiz; que sentenças! Um Professor; que lições!

SE DESEJA MANDAR CONFECCIONAR TRABALHOS GRÁFICOS, CONSULTE A TIPOGRAFIA DA CASA DO GAIATO PAÇO DE SOUSA